



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GILVANICE DA SILVA OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O INGRESSO E A PERMANÊNCIA DOS
SUJEITOS JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA**

GUARABIRA – PB

2014

GILVANICE DA SILVA OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O INGRESSO E A PERMANÊNCIA DOS
SUJEITOS JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação: Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Graduada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Verônica Pessoa da Silva

GUARABIRA – PB

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB**

O148r Gilvanice da Silva Oliveira
Reflexões sobre o ingresso e a permanência dos sujeitos jovens
e adultos na escola [manuscrito] : / Gilvanice Da Silva Oliveira. -
2014.
30 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Verônica Pessoa da Silva, Departamento de
EDUCAÇÃO".

1. Educação de Jovens e Adultos. 2.Evasão escolar. 3.
Fracasso escolar. I. Título.

21. ed. CDD 370

GILVANICE DA SILVA OLIVEIRA

**REFLEXÕES SOBRE O INGRESSO E A PERMANÊNCIA DOS SUJEITOS
JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação: **Licenciatura Plena em Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Graduada em Pedagogia.

Aprovada em: 25/02/2014.

Verônica Pessoa da Silva

Prof^ª Dr^ª Verônica Pessoa da Silva / DE/ UEPB
Orientadora

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^ª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira /DE/ UEPB
Examinadora

Ana Célia Silva Menezes

Prof^ª Ms. Ana Célia Silva Menezes/UFPB Virtual/EAD
Examinadora

GUARABIRA-PB

2014

A Deus, aos meus pais, especialmente minha mãe que viveu na condição de semi-analfabeta durante toda sua vida, e aos que me ajudaram na realização deste trabalho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, luz da minha existência, que permitiu a concretização deste trabalho, pois nada seria possível sem sua permissão.

A meu esposo **Marcone de Oliveira** e meu filho **Elywelton da Silva Oliveira** pela compreensão, força, cuidado, sempre me apoiando em todos os momentos, sem eles a caminhada seria mais árdua, pois só cheguei até aqui por eles.

À minha família, irmãs e irmãos, que sempre acreditaram em mim, e nunca esconderam o orgulho de ver a única irmã do total de dezesseis irmãos (as) chegar a uma faculdade.

À minha sogra **Maria da Silva Oliveira**, pelo apoio incondicional, e incentivo para que nunca viesse a desistir, a segunda mãe que Deus me presenteou nesta vida.

Às minhas amigas **Niedja Gabriela, Cleonice Nascimento e Vanessa Carvalho**, pela amizade verdadeira, cumplicidade e carinho nos vários momentos difíceis que passamos.

À professora **Dr. Verônica Pessoa da Silva** pela paciência, cooperação, apoio e incentivo, ao longo do processo de orientação.

A todos os meus professores e professoras do curso de Pedagogia da UEPB – Campus III, que contribuíram ao longo desses quatro anos, através da socialização dos seus saberes, seus exemplos de vida e dedicação para com a minha formação.

Aos alunos e alunas da EJA, que prontamente me ajudaram durante o percurso da pesquisa.

“O menosprezo pela educação dos adultos, a atitude de condená-los definitivamente ao analfabetismo incide no erro sociológico de supor que o adulto é culpado de sua própria ignorância”.

Álvaro Vieira Pinto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS OU A PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR?.....	10
3 PRINCÍPIOS NORTEADORES E CONCEPÇÕES DE EJA.....	12
4 EJA: QUE FORMA DE EDUCAÇÃO É ESSA E A QUEM ELA SE DESTINA?.....	15
5 CONHECENDO O PERFIL DE QUEM REGRESSA À EJA.....	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7 REFERÊNCIAS.....	28
8 DOCUMENTOS ELETRÔNICOS.....	29
9 FONTES ORAIS.....	29

TREFLEXÕES SOBRE O INGRESSO E A PERMANÊNCIA DOS SUJEITOS JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA

GILVANICE DA SILVA OLIVEIRA¹

RESUMO

O presente artigo objetiva refletir sobre o ingresso e a permanência dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos processos educativos desenvolvidos junto a esta modalidade de ensino. Problematiza a relação entre o perfil dos educandos e as dificuldades que enfrentam ao retomarem seus estudos. No conjunto das discussões, aborda as concepções de “evasão” escolar contrapondo-se à visão deste conceito como “fracasso escolar”. Discute os princípios norteadores da EJA, pautando-se nos parâmetros legais que asseguram as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos, assim como nos teóricos que tem se dedicado ao estudo das questões relativas aos fenômenos estudados. Para atingir os objetivos pretendidos, fizemos uso da abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando da observação e da entrevista semi-estruturada para a coleta de dados. Nosso universo de pesquisa abarcou duas escolas da rede pública dos municípios de Alagoa Grande e Guarabira, ambas no Agreste paraibano e que atendem a modalidade. Tais dados, articulados às leituras teóricas constituíram as bases deste estudo. Os resultados apontam para a constatação de que, sem empenho, valorização e compromisso por parte de todos os que fazem a EJA, a permanência dos alunos nas salas de aula torna-se, cada vez mais, um desafio. Evidenciamos através da pesquisa de campo que, o abandono do educando da EJA possui uma série de fatores, que embora conhecidos pela escola, seus agentes e programas têm sido negligenciados e pouco considerados no que se refere à oferta e à promoção de políticas públicas destinadas a este público. Afirmamos, a partir desse estudo, que a Educação ao longo da vida precisa deixar de ser um conceito teórico e assumir dimensões reais e práticas para que, os elevados índices de analfabetismo adulto e de evasão escolar que ainda persistem em nosso país possam ser superados.

Palavras-Chaves: Educação de Jovens e Adultos. Sujeitos da EJA. Evasão. Fracasso Escolar

1 INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de uma pesquisa sobre o perfil dos educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a relação destes com o nível de frequência em sala de aula. A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública de ensino nas cidades de Alagoa Grande e Guarabira, ambas situadas no agreste paraibano. Pretendemos investigar, qual a

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, área de aprofundamento em EJA.

relação entre o perfil dos educandos e as dificuldades que os mesmos enfrentam para a continuidade de seus estudos, sobretudo em manter a frequência escolar.

O que nos motivou a realizar tal estudo foram às discussões advindas do espaço de sala de aula a partir dos componentes curriculares da área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos no curso de pedagogia da UEPB – Campus III, mais especificamente Metodologia do Ensino da EJA e Fundamentos, Legislação e Financiamento da EJA.

Mas um dos motivos que foi decisivo na minha busca em querer aprofundar-me neste estudo foi à experiência vivida como alfabetizadora no Programa Brasil Alfabetizado (PBA), onde na ocasião também enfrentei o fenômeno do abandono escolar de vários alunos.

Além disso, nossa inserção nos espaços de construção da política de EJA como, por exemplo, nos Encontros do Fórum de EJA da Paraíba. Motivava-nos a refletir sobre o porquê das salas de aula dessa modalidade educativa estarem com números de alunos cada vez mais reduzidos, principalmente nas séries de primeiro segmento que correspondem, neste caso, da alfabetização à quarta série do Ensino Fundamental.

Assim, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011 mostram que a taxa de analfabetismo no país, mesmo tendo pequena queda em relação a 2010² ainda é alta, 8,6% corresponde a 12,9 milhões de pessoas com mais de 15 anos de idade. A partir desses dados, a região nordeste continua contabilizando os índices mais elevados, em torno de 16,9 %, equivalente a 54% do total de analfabetos do país, e o Estado da Paraíba ocupando o 3º lugar no ranking nacional de analfabetismo, ou seja, 20,2 % dos paraibanos acima de 10 anos de idade não são alfabetizados (IBGE, 2010). Mediante isso, questionamos: o que fazer para atender esses 12,9 milhões de brasileiros que se encontram fora dos domínios da leitura e escrita, passaporte e pré-requisito da cidadania conforme defendido pela sociedade vigente? E mais, há oferta de escolas ou ambientes educativos para todos?

Com relação à oferta desta modalidade educativa, o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2012, aponta que oito milhões de brasileiros frequentavam classes de EJA em todo país em 2006, sendo que desse número, 42,7% não conseguiram concluir nenhum segmento do curso (PNAD, 2007). Então, quase metade das pessoas que retomam seus estudos, desistem, provocando o fechamento das turmas pelo Brasil inteiro. De acordo os dados do Anuário (2013), “em 2007, o país tinha 166.254 turmas de EJA. Em 2011, era 147.361 turmas, o que representa uma queda de 18,9%. Apesar disto, em 2010, 2.860.230 brasileiros

² Censo 2010 (IBGE) 13.933.173 analfabetos no país, equivalente a 9,6% da população.

se matricularam no Ensino Fundamental, mas a permanência dessas pessoas na escola continua sendo um grande desafio”.

Ainda, neste sentido, o Anuário Brasileiro da Educação Básica também apresenta informações a respeito do exposto, alertando-nos para o fato de que há escolas nas quais a evasão é algo gritante.

Barcelos (2007) enfatiza que os desafios que a escola hoje enfrenta para manter os alunos na escola são muitos, e envolve o que chama de incluir quem um dia foi excluído da escola, para ele “há que construir uma cultura e uma gestão democrática dos espaços escolares e educativos” (BARCELOS, 2007, p. 43).

Desse modo, com objetivo de compreender as possíveis causas que levam os alunos da EJA a deixarem a escola, tendo como resultado deste processo a chamada “evasão” se é que podemos classificar assim esses fatos. Refletir sobre os motivos pelos quais as salas de aula dessa modalidade educativa apresentarem um número de aluno cada vez mais reduzido; pretendemos também estabelecer relações entre o perfil dos sujeitos e a realidade de abandono do processo educativo; além de identificar as percepções dos educandos em relação ao retorno e a permanência na escola.

Portanto resolvemos investigar as escolas, realizando a escuta atenta dos próprios educandos e também alguns professores, evidenciando questões que nos levaram a traçar o perfil dos mesmos e, só assim, formularmos as nossas conclusões.

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir dos preceitos da abordagem qualitativa³. Utilizou-se a metodologia da observação e da entrevista na coleta de dados. Nosso universo foram duas escolas públicas da rede municipal de ensino, das cidades de Guarabira e Alagoa Grande, que atendem jovens e adultos populares. Nele, utilizamos uma amostra de treze educandos e quatro educadores.

Nessa pesquisa assumimos a hipótese de que, a escola oferece o acesso para o educando, mas não está totalmente preparada para oferecer uma educação específica para os jovens e adultos que nela ingressam, ou seja, eles não encontram o que almejam, então, optam por desistirem antes de concluírem as etapas ou níveis em que estão matriculados. Apesar do limite de tempo, da dificuldade em encontrar os alunos em sala de aula e da condição de iniciantes, conseguimos analisar os aspectos importantes no que se refere ao perfil das turmas

³ A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Ver mais em: (CHIZZOTTI, 2005, P.79.)

de EJA investigadas e, dentre eles, destacamos o elemento que o adulto retorna à escola com muita vontade de aprender, trazendo consigo sonhos adiados.

As bases teóricas que sustentam nosso trabalho são: (BARCELOS, 2007), tratando dos altos níveis de abandono dos alunos da EJA e as diversas razões porque isso ocorre; (CHARLOT, 2000) e (FERNANDES, 2002); na discussão do fracasso escolar; (GALVÃO; DI PIERRO, 2007), sobre os direitos e os sentimentos que carregam os sujeitos da EJA; também trazemos (PINTO, 1994), quando aborda sobre os equívocos de tratar o adulto como uma criança grande em relação ao seu processo educativo, dentre outros.

As discussões que seguem estão estruturalmente expostas da seguinte forma: Título 1. Evasão na Educação de Jovens e Adultos ou a Produção do Fracasso Escolar? 2. Princípios Norteadores e Concepções de EJA; 3. EJA: Que forma de Educação é esta e a quem ela se destina, neste capítulo exponho a minha experiência com a alfabetização de jovens e adultos no Programa Brasil Alfabetizado (PBA); 4. Perfil de quem regressa à EJA, (os sujeitos da presente pesquisa); e por fim apresentamos nossas considerações finais.

2 EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS OU A PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR?

No conjunto das discussões apresentadas, faz-se necessário, explicitar um olhar, ainda que breve, acerca do fenômeno da evasão, pois nele está contida a ideia do fracasso escolar.

Quando nos debruçamos sobre os estudos que tratam da evasão, há uma tendência, quase natural em nível de censo comum, em relacionar de forma quase que imediata, o fracasso escolar aos déficits de aprendizagem, a níveis de deficiência intelectual ou ainda a falta de interesse dos educandos.

Nos últimos anos, principalmente no campo da Educação de Jovens e Adultos, a preocupação com esta problemática tem sido crescente. O cuidado para não cair na armadilha da ideologia das culpas, é o que se destaca nos estudos de Charlot (2000). Para este autor, a questão do fracasso escolar aponta para diversas possibilidades de análises “(...) sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das chances, sobre os recursos que o país deve investir (...), sobre a crise, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, as formas de cidadania, etc.” (CHARLOT, 2000, p. 14). Diz ainda que é um equívoco tratar a evasão, como sinônimo de fracasso escolar, e que não existe fracasso escolar, mas alunos expostos a situações diversas que contribuem para a ocorrência do insucesso escolar.

O fracasso escolar não existe; o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas histórias é que devem ser analisados, e não, algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado 'fracasso escolar' (CHARLOT, 2000, p. 16).

Ainda sobre a questão do “fracasso escolar”, Fernandes (2002, p.42), apoiado na obra de Carraher (1993, p.23), esclarece que o fracasso pode ser encarrado como: ‘fracasso dos indivíduos; fracasso de uma classe social ou fracasso de um sistema social, econômico e político’, mas evidencia também, para a referida autora, o fracasso escolar como o fracasso da escola e que não deve ser atribuído apenas aos indivíduos.

Sobre o exposto, Fernandes (2002) se posiciona da seguinte forma: “não se pode atribuir o fracasso escolar ao indivíduo, tendo em vista que ele faz parte de um sistema socioeconômico, e a má qualidade da escola também influi no fracasso (...)” (FERNANDES, 2002, p.43). Evidencia também que não se pode dizer que o fracasso escolar está condicionado a sua classe social, ou seja, os mais pobres não valorizam a educação, não querem aprender e por isso fracassam; essa afirmativa não é cabível, pois se não valorizam a educação, não podem fracassar, “só fracassa quem gostaria de estudar”, mas por muitos motivos evadem-se ou abandonam a escola.

Concordamos com o autor, pois no caso da EJA, o argumento da “não valorização da educação” não tem fundamento, uma vez que os sujeitos ingressam ou retornam a sala de aula com intenções de aprender os conhecimentos úteis para sua vida cotidiana, mas se deparam com desafios e dificuldades que os fazem desistir dos seus estudos, mas isso não significa dizer que “evadiram” por não valorizarem.

As causas da chamada “evasão” que é consequência do “fracasso escolar” segundo Fernandes (2002, p.46), na EJA “(...) deve ser investigada no Sistema Sociopolítico e econômico e na própria instituição escolar (...)”. Sua posição a respeito do fracasso escolar é bem clara. Vejamos:

A possibilidade de que o fracasso escolar não seja o fracasso do indivíduo ou de uma classe social tem remetido a questão do fracasso escolar ao sistema socioeconômico e político, enquanto fator em si mesmo responsável pelo fracasso escolar nas camadas populares (FERNANDES, 2002, p.46).

Esta é, portanto, uma linha de pensamento mais aceita dentre os estudiosos da questão, pois acreditam que se o indivíduo não consegue dar continuidade aos seus estudos, por questões de influência econômica e social, eles não são responsáveis pelo que chamam de fracasso e sim, vítimas desse sistema vigente.

3 PRINCÍPIOS NORTEADORES E CONCEPÇÕES DE EJA

Quando somos indagados sobre o que significa a EJA, sigla bastante pronunciada pelos estudiosos desta área, muitos enfatizam, imediatamente, que é a educação ofertada às pessoas jovens, adultas e idosas que não tiveram o direito à educação na idade própria, como afirma a LDB 9.394-96. Frequentemente é essa a resposta que se ouve. Mas, de fato, como podemos defini-la? Sempre assumiu essa denominação?

A Educação de Jovens e Adultos, de acordo com Paiva (1987),

É toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não logrando alfabetizar-se e obter conhecimentos básicos correspondentes aos primeiros anos do curso elementar (PAIVA, 1987, p.16).

Como vemos é uma concepção que limita a Educação de Jovens e Adultos, aos primeiros anos da escolarização ou até mesmo pensada como apenas alfabetização. Contudo, a EJA não se reduz apenas a esse nível de ensino, mas para que se chegasse à concepção que temos atualmente, um longo caminho foi percorrido. Esse conceito vem se modificando de acordo com o contexto histórico do país e do mundo.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), (2008, p.21) “as primeiras políticas públicas nacionais destinadas à Educação dos Jovens e Adultos tiveram início no ano de 1947, quando se estruturou o Serviço de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA)”, com campanhas em prol da erradicação do analfabetismo que era alarmante. Ainda segundo a UNESCO, “devido às escassas oportunidades de acesso à escolarização na infância ou na vida adulta, até 1950 mais da metade da população brasileira era analfabeta”.

Por isso, o nome EJA está muito ligado à alfabetização de adultos e esta marca perdurou por muitos anos para que se pensasse também no jovem que não era analfabeto, mas que já se encontrava fora do sistema de ensino.

O conceito de alfabetização vem sendo ampliado, a partir das demandas sociais e econômicas, ao longo da história da educação. Este conceito, antes restrito a escrita do próprio nome, evolui consideravelmente, sobretudo, a partir de 1946⁴, considerando as contribuições e os estudos da UNESCO. Por outro lado, (...) a expansão dos sistemas educativos aliados à crescente complexidade da estrutura social fizeram com que o problema do analfabetismo

⁴ Esta data representa um marco para a EJA, pois assume o plano internacional, quando a luta contra o analfabetismo passa a ser incorporada pela UNESCO.

passasse a integrar um campo mais amplo de problematização teórica e prática (...) (RIBEIRO, 2001, p. 45).

Assim, para compreendermos melhor estas questões, recuperamos breve síntese, à luz das seis CONFINTEA's - Conferências Internacionais de Educação de Adultos, que contribuíram para que esta modalidade incorporasse o termo jovem em sua nomenclatura, passando EDA para EJA.

O que seriam as CONFINTEA's? Foram eventos internacionais organizados pela UNESCO, em prol da educação de adultos. Neles, países do mundo inteiro se reúnem para discutir políticas públicas e traçar metas para a EJA.

A I CONFINTEA ocorreu no ano de 1949 em Elsinore (Dinamarca), após a segunda guerra mundial. Nessa conferência se discutiu a necessidade de cooperação para que a EDA, se desenvolvesse, já que o número de adultos analfabetos nessa fase era assustador para esses países.

Em 1960 reuniram-se, pela segunda vez, para a II CONFINTEA em Montreal no Canadá. O Brasil apresentava um rápido crescimento econômico por conta do avanço industrial, mas revelava também uma desigualdade social bastante expressiva. Nessa Conferência, a EDA foi discutida amplamente como a oportunidade e como parte do sistema educacional, assim como qual o papel do estado na modalidade.

Doze anos após, ocorre a III CONFINTEA, em 1972, dessa vez em Tóquio no Japão, a constatação de que o rápido crescimento econômico favorece a independência de muitos países, traz para o debate o tema da alfabetização como foco, assim como o papel da mídia e da cultura como repercussões para a aprendizagem ao longo da vida. Começa-se pensar que a educação não se deve restringir à instrução elementar do analfabeto, projetando, então, preocupações com sua continuidade.

Na IV CONFINTEA, em 1985, Paris na França, estávamos em crise econômica que gera contenção nos orçamentos públicos. Aqui, além das discussões sobre a Aprendizagem ao longo da vida, fala-se sobre o direito do adulto aprender sobre as tecnologias da informação, além do papel do estado e das ONGs nesse processo.

Em 1997 ocorre a V CONFINTEA, em Hamburgo na Alemanha, o tema central foram às conferências internacionais da década de 1990. Entre os debates estavam o direito à aprendizagem do aluno da EDA, a responsabilidade de todos para com essa modalidade educativa, a equidade, o reconhecimento das diferenças, entre outros. Nessa conferência, a educação de adultos passa a ser reconhecida como um direito essencial e a ampliam-se as lutas para que todos exerçam esse direito.

Enfim, chegamos a VI CONFINTEA, ocorrida em Belém do Pará, no Brasil, no ano de 2009. Num contexto de pós-conferências, décadas e metas da década do milênio, Fóruns Mundiais Sociais de 2003-2007 tiveram como tema os elos perdidos das MDGs (Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, das Nações Unidas), ferramentas imprescindíveis para alcançar o desenvolvimento até 2015⁵. Até a realização dessa conferência, não se falava em EJA, era apenas Educação de Adultos, durante as cinco conferências desde 1949, as metas e ações realizadas eram em prol do público adulto analfabeto.

Cada conferência resulta de documentos que conceitua a EJA e acrescenta perspectivas de como esta deve ser compreendida.

É nesse sentido que a Declaração de Hamburgo concebe a Educação de Adultos como “educação formal e educação não formal, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos” (V CONFINTEA, Julho, 1997).

De acordo com o Marco da Ação de Belém, documento resultante da VI Conferência Internacional de Educação de Adultos ocorrido em no Pará-Brasil em 2009, a EJA envolve:

Processos de aprendizagem, formal ou informal, em que pessoas consideradas adultas pela sociedade desenvolvem suas capacidades, enriquecem todos seus conhecimentos e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, ou as redirecionam, para atender suas necessidades e as de sua sociedade (BRASIL/MEC/UNESCO, 2010).

Conforme é possível constatar, a partir desta Conferência, ocorre a inclusão dos jovens como integrantes dessa educação. A mudança ocorre a partir da VI CONFINTEA, que traz as recomendações para programar políticas públicas de educação de jovens e adultos, visando aprendizagem ao longo da vida⁶, ocorrendo a inclusão do jovem, então passamos a utilizar o termo EJA.

Além disso, estudos recentes e em crescentes abordagens, identificam o processo de rejuvenescimento pela qual a EJA tem passado. Estudos apontam duas causas como centrais, contribuintes a esse processo: a) a entrada cada vez mais precoce dos adolescentes e jovens no mundo do trabalho, especialmente na economia informal; b) exclusão juvenil, através das mais diversas situações de fracasso do e no processo de escolarização formal.

Para Furtado (2009), estes aspectos têm sido contribuintes para uma situação tem se tornado cada vez mais comum e frequente no sistema educacional, pois:

⁵ Conferir em www.forumeja.org.br

⁶ O conceito de aprendizagem e educação ao longo da vida têm, nos últimos anos, assumido contornos e análises mais apurados, sobretudo a partir das publicações da UNESCO e da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico – OCDE. Uma investigação mais detida a este respeito pode ser realizada, a partir DINIZ, 2010, p. 247-267 in DINIZ, SCOCUGLIA, PRESTES, 2010.

Nas famílias populares, o modelo do trabalho que deveria acontecer na vida de um jovem, após determinado tempo de estudo de preparação para tal profissão, tem acontecido de maneira precoce e emergencial para ajudar no sustento da família. Essa perda de linearidade, de vivências que, necessariamente, deveriam seguir uma determinada sequência e que, por causa de desajustes sociais, não ocorrem, tem sido comprovada nas estatísticas do nosso país em relação a sua riqueza e ao desenvolvimento, em paradoxo com a miséria crescente e o processo de escolarização fracassado de muitos alunos/as nas Escolas Públicas (FURTADO, 2009, p. 49).

Apesar destas discussões, ainda permanecem em aberto e passível de investigações mais apuradas, o processo de juvenilização na EJA. Compreender esta realidade de forma crítica e específica constitui-se em desafio aos estudiosos e pesquisadores da EJA.

4 EJA: QUE FORMA DE EDUCAÇÃO É ESSA E A QUEM ELA SE DESTINA?

Mas, afinal de contas, quem são os jovens e adultos atendidos por nessa nova forma de educação?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/96), traz em seu Art. 37 que a Educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria. A LDB trata as séries regulares como ensino e a Educação de Jovens e Adultos, como educação, no intuito de dizer que é um campo de conhecimento específico e que difere das séries regulares.

Ainda sobre o exposto, verificamos na Resolução (CNE, CEB Nº 1. 05 de Julho de 2000), que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, no seu Art. 2º, confere a EJA como modalidade da Educação básica, e assim sendo tem suas características próprias e organização voltada também para um educando específico, o qual deve ser observado no seu modo de vida, costumes e necessidades, para que só assim possa lhe oferecer a educação que eles almejam na escola ou simplesmente num espaço educativo.

Como se percebe, a clareza da definição desta modalidade nos dois documentos legais que versam sobre o campo da EJA, esclarece que a escola tem responsabilidades que vão além do ensinar a ler e escrever. Porém, ao observar na prática o aluno se ausentando cada vez mais das salas de aula, há de se questionar o papel das instituições de ensino. Ao que se percebe esta ainda não compreendeu o que é realmente a EJA. Mas, este não é desafio só da

escola, pois alfabetizar adultos na escola ou fora dela, sempre foi e continua sendo um desafio.

Paulo Freire nas suas experiências com adultos pelo Brasil e o mundo, parecia ter nos ensinado o caminho para o sucesso. O resgate para com a realidade do sujeito é primordial, para que ele tome gosto pelos estudos e aprenda. E o grande mestre tinha razão. Devemos começar por aí mesmo, porém o aluno aprende a ler, escrever seu nome, copiar pequenos textos, está se alfabetizando e quando começa a alçar seus voos, abandona a escola. O que ocorre, então?

São muitos os relatos de estudiosos, educadores, pesquisadores da modalidade que relatam os grandes desafios que enfrenta a EJA, desafios estes que começam desde o primeiro segmento e perduram por toda escolarização do sujeito: a maior dificuldade tem nome e se chama evasão.

Fernandes, (2002), em suas reflexões, a partir de sua experiência com a alfabetização de adultos relata como enfrentou o fenômeno da evasão na turma que assumiu numa comunidade carente no município de João Pessoa- PB.

Iniciando com uma turma de 40 alunos com idade entre 19 e 60 anos de idade, contamos que já na segunda semana os alunos começam a evadirem-se, antes dos primeiros quatro meses os trabalhos se encerram por falta de apoio financeiro por parte do governo. Em outro trabalho, onde atuou como alfabetizador num outro projeto também no município de João Pessoa, desta vez com trabalhadores da construção civil. O autor também enfrentou a tão temida evasão, mesmo contando com uma equipe de apoio e espaço de discussão e formação.

Na minha experiência com a alfabetização de jovens e adultos não foi diferente, no ano de 2011, participei como educadora no Programa Brasil Alfabetizado em parceria com UEPB-Campus III. Na época, formei uma turma de vinte e cinco alunos, em nível de alfabetização, número mínimo para a formação de uma turma, exigência da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. Trabalhei em uma escola cedida pelo Estado, próxima da minha residência e dos alunos também.

Tinha um preconceito de acreditar que a evasão do PBA se dava pelo histórico das alfabetizadoras não terem formação específica. Pensava que não enfrentaria tal problema, já que estava sendo formada para atuar na educação já há tempos e me sentia pronta para o ingresso no magistério.

Todavia, meus alunos aos poucos foram deixando a sala de aula e de uma turma de vinte e cinco alunos, encerrei a etapa com apenas quinze. Um dos principais fatores que os

levara ao abandono fora às festividades religiosas do mês de dezembro, como a maioria era católica ficou inviável estudar e ir à igreja.

O calendário do Programa Brasil Alfabetizado, muitas vezes, apresenta-se como inadequado às turmas, pois a espera pelo envio das verbas, por parte do governo federal, impede que o ano letivo comece no início do ano oficial. Esses atropelos, sem dúvida, têm repercussões na sala de aula, na motivação e interesse dos educandos.

Tudo isso leva-nos a constatação dos desafios que enfrenta um profissional da EJA, para manter seus alunos em sala de aula. Acredito que essa experiência me remete à necessidade compreender melhor que o aluno da EJA é uma “pérola delicada” que precisa ser parte do processo de inclusão. Para Barcelos (2007), muitos são os motivos que podem levar os educandos da EJA a desistirem de sua escolarização:

Não raro constatamos que os índices de abandono da escola por jovens e adultos alfabetizando são muito elevados. As razões são as mais diversas. Vão desde o abandono puro simples, por perda de interesse pelo estudo, passam por questões de foro íntimo como doenças de familiares, sofrimentos psíquicos, problemas sociais diversos, indo até casos em que o (a) alfabetizando estava desempregado e ao conseguir um trabalho deixa de estudar por excesso de cansaço, por diminuição do seu tempo disponível, pela distância entre o trabalho e a escola, etc. (BARCELOS, 2007, p.44).

Ao que se percebe, apesar da iniciativa de voltar a estudar, muitos não conseguem seguir em frente. E, além de todos esses motivos que Barcelos nos apresenta, há outros, ainda, que são invisíveis, mas que também têm influência na decisão do abandono, como por exemplo, o fato da escola marginalizar o estudo noturno, como se isolasse o aluno da EJA do restante da comunidade escolar.

Não muito raro, nas nossas visitas às escolas que funcionam apenas com essa modalidade no período noturno, percebe-se que não há uma dinâmica escolar que envolva o alunado, que os motive a sentirem-se parte de uma educação cidadã. Quando os educandos da EJA retornam aos bancos escolares, eles esperam fazer parte de um mundo dinâmico que é a escola e muitos não querem estudar em qualquer local, como é o caso dos programas que podem funcionar fora do espaço escolar, pois voltar a estudar envolve a magia que perderam ou lhes foi negada desde a infância. Muitos querem resgatar esse sentimento. Uma das nossas entrevistadas, D. Paula, quando perguntada sobre o motivo que a levou a retornar à escola, responde: “conversar com os colegas, ver muita gente todo dia, me faz lembrar o tempo da minha infância, quando ia pra escola no início da vida” (Paula, Dona de Casa,

Guarabira/2013). Ou seja, sentir que está resgatando lembranças boas do tempo em que iniciou a vida escolar, reacendeu a vontade voltar a estudar.

Já para a agricultora Margarida, também de Guarabira, a volta à escola se deu pela esperança que tem de aprender. Ela relata: “quero aprender mais alguma coisa daqui pra frente”. (Margarida, Agricultora, Guarabira/2013). Vimos, nesse caso, que o desejo de aprender tem se mantido firme, ao longo dos seus trinta anos de idade e que a mesma vê na escola essa possibilidade.

Todavia, em muitos casos, a escola continua negando-lhes o direito de aprender ao longo da vida, uma vez que não promove a integração e a participação dos educandos em todas as etapas de sua aprendizagem. Os espaços da escola são cerceados e, por vezes, fechados no período noturno, tornando a escola insuficiente para sua permanência.

Quando insistimos na pergunta: que forma de educação é essa e a quem ela se destina? Consultamos novamente Barcelos (2007, p.45) que coloca que todas essas dificuldades decorrem porque o trabalho com jovens e adultos requer de todos os envolvidos, mudanças de atitudes e práticas pedagógicas específicas articuladas ao mundo do trabalho.

5 CONHECENDO O PERFIL DE QUEM REGRESSA À EJA

Para melhor conhecer os educandos da EJA, suas necessidades de aprendizagem e motivações quanto à escola, entrevistamos treze educandos. Incluímos, também, quatro educadoras, principalmente por entendermos que também seria interessante ouvir a voz de quem está à frente da educação desses alunos.

Contamos com depoimentos de pessoas adultas e jovens, que regressaram à escola após alguns anos de afastamento. Estes educandos pertencem às classes populares e desenvolvem como atividade laboral, trabalhos como: (um) carregador de caminhão; (um) ajudante de entrega; (três) agricultores e (seis) donas de casa, (um) desempregado e (um) se declarou apenas estudante.

Quanto à perspectiva geracional, situam-se na faixa etária entre quinze e cinquenta e sete anos de idade; sendo nove mulheres e quatro homens. Apenas um, o jovem de quinze anos de idade não é casado, os demais são casados e têm filhos. Eles fazem parte do 1º segmento do Ensino Fundamental I.

Dos treze educandos entrevistados apenas um nunca havia freqüentado a escola antes. Os outros tinham passagens anteriores pelos bancos escolares e se encontravam entre dois e quatorze anos fora da escola.

Os motivos que os levaram a abandonar a instituição de ensino são variados: casaram-se e foram obrigadas a deixar a escola para cuidar do lar, como é o caso da dona de casa Ana⁷, de trinta e um anos de idade: “resolvi casar e larguei a escola, achava que meu marido não ia deixar” (ANA, dona de casa, Guarabira/2013).

Há as que engravidaram e por isso não tiveram condições de deixar os filhos para ir à escola, como é o caso de Joana, Paula, Margarida de Guarabira e Selma de Alagoa Grande. Outros não conseguiram acompanhar o processo de aprendizagem, como Alda de Guarabira; Dilma e Aparecida de Alagoa Grande.

Pedro de Alagoa Grande desistiu porque foi trabalhar em outro estado. Tereza não pode continuar por conta de problemas na visão.

“Não sabia matemática” disse José de cinquenta e sete anos de idade, Por medo deste componente curricular, acabou por abandonar a escola, só retornando há três anos. E ainda o Sandro de Guarabira que apresenta como principal motivo de ter deixado os estudos: o fato de residir na zona rural e ter de trabalhar na cidade, não foi possível trabalhar e cuidar dos estudos.

O entrevistado mais jovem foi Carlos de Alagoa Grande que regressou há dois anos para a escola, o abandono ocorreu “porque quis” disse o rapaz. Este foi o único entrevistado que disse não se importar muito com os estudos, mas que o estudo é muito importante para vida das pessoas.

A maioria dos educandos corresponde a um público feminino e o fator casamento foi decisivo no abandono da escola. Assim, como foi possível observar, pode ser considerado o principal obstáculo na vida dessas mulheres.

Percebemos, ainda, que os entrevistados culpam a si próprios pelo fato de não terem continuado seus estudos, como se a sociedade não tivesse participação nas decisões que tiveram que assumir, a partir das escolhas que tiveram que fazer. Ao assumirem-se culpados pelo fracasso escolar, muitos não percebem que a educação é um direito que lhes foi negado por muito tempo.

Galvão e Di Pierro (2007) ao discorrer sobre o direito à alfabetização esclarecem que as Nações Unidas estimam que 771 milhões de jovens e adultos, em todo o mundo, sejam analfabetos e que a maioria são mulheres e vivem em países pobres. Isso só vem a confirmar os dados da nossa pesquisa, pois como vimos em nosso universo de pesquisa a maioria também são mulheres.

⁷ Nome fictício, assim como todos os outros atribuídos aos entrevistados (as), para resguardarmos suas identidades.

Comprovando as ideias dos autores, no discurso das entrevistadas, observa-se que atribuem a si mesmas o fato de não poderem ter concluído seus estudos na idade própria. Não conseguem perceber que foram vítimas do processo de exclusão social ao longo da história.

Para Galvão e Di Pierro (2007) “(...) é muito comum percebermos de pessoas jovens e adultas que não sabem ler nem escrever, que o analfabetismo não é percebido como expressão de processos de exclusão social ou como violação de desvio ou fracasso” (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.15). Normalmente, estas pessoas sentem-se fracassadas e humilhadas. Voltam à escola timidamente em busca de recuperar um tempo “perdido”, como eles mesmos assim classificam.

Mas, afinal, quando regressam, depois de tantos anos, à escola, o que buscam? É importante reconhecermos que os educandos da EJA são pessoas que enfrentam cotidianamente os desafios da ausência ou do pouco domínio da leitura e escrita. Em contrapartida, a sociedade exige desses sujeitos cada vez mais qualificação para ocupar os mais variados campos de trabalho. Como a EJA está estreitamente ligada ao mundo do trabalho, o jovem e o adulto regressam na expectativa de conseguir ingressar no mercado de trabalho ou conseguir um emprego melhor. Isto pode ser constatado nas respostas da maioria dos entrevistados, quando perguntados o motivo da sua volta à escola. Uma das entrevistadas de 28 anos, atualmente agricultora, voltou à escola na perspectiva de “terminar os estudos para fazer concurso e poder arranjar um trabalho melhor” (ALDA, agricultora, Guarabira/2013).

Já o jovem Pedro de dezessete anos, de Alagoa Grande, que havia retornado à escola há quinze dias, no momento da entrevista disse que voltou para a escola porque queria aprender Matemática: “eu gostaria de aprender ler e escrever. Tenho dificuldades de aprender Matemática. Eu acho muito difícil” (PEDRO, carregador de caminhão, Alagoa Grande, 2013). Para este jovem que trabalha como carregador de frutas, um dos motivos de ter deixado a sala de aula foi sua ida ao Rio de Janeiro. Estudar foi o que ele alegou mais gostar na escola.

Dona Dilma, também sente esse mesmo desejo de Pedro, apesar de ser a primeira vez que frequenta uma escola. Ela relata que o pouco que sabe da leitura aprendera com uma patroa quando trabalhava em João Pessoa: “eu gostaria de aprender um pouco mais a Matemática” (DILMA, doméstica, Alagoa Grande/2013).

Na maioria das vezes que conversamos com essas pessoas, notamos a esperança que depositavam na escola e na educação. Porém, notamos nas duas escolas que visitamos um esvaziamento das turmas, sendo que uma delas chegou a registrar a presença de apenas dois alunos em sala de aula.

Ao questionarmos quais as principais dificuldades enfrentadas por eles para continuarem seus estudos, bem como os motivos que poderiam levá-los a abandonar a escola, disseram: “Ter que deixar minha filha em casa, principalmente quando ela ficava doente” (JOANA, estudante, Guarabira/ 2013); “Não ter com quem deixar meus filhos em casa e ter de levar para a escola” (PAULA, dona de casa, Guarabira/2013); “Não ter com quem deixar meu filho” (ALDA, agricultora, Guarabira/2013); “deixar meus filhos, pois ficam sozinhos em casa” (SELMA, doméstica, Alagoa Grande/2013).

A partir destes relatos, nota-se que não ter com quem deixar seus filhos é um impedimento considerável para as educandas da EJA. Também que esta realidade é uma marca da EJA, requisitando da escola ações imediatas que possibilitem enfrentar esta questão. Se fossem criados espaços e mecanismos para que seus filhos ficassem enquanto elas estudam, provavelmente não teríamos altos índices de abandono escolar na modalidade, pelo menos por este motivo.

Ao retornarmos para a entrevista com os educadores, constatamos que havia uma turma sem funcionar pela ausência de alunos. Sobre esse caso, a professora justificou a ausência dizendo que, geralmente, na sexta-feira, eles não costumavam ir. Desse modo, tanto no município de Alagoa Grande quanto no de Guarabira, constatamos o problema da falta de alunos, e que, nas turmas que se mantinham, o número era muito reduzido. O que estaria ocorrendo com as turmas de EJA? A escola está cumprindo o seu papel? Os professores estão preparados para atuar com essa modalidade de ensino?

Na tentativa de entendermos o fenômeno da ausência dos alunos nas salas de aula, buscamos algumas respostas para essas indagações, fomos conversar também com alguns educadores que atuam na EJA, tanto no município de Guarabira quanto também em Alagoa Grande. Entrevistamos quatro educadoras: uma graduada em Licenciatura Plena em Geografia, a qual será identificada como Lúcia, professora Neide graduada em Letras, a terceira é graduada em Pedagogia com pós-graduação em Psicologia, a Patrícia; e a quarta com graduação em Letras e pós-graduada em Psicologia da criança e adolescente, educadora Keyla.

Esclarecemos que embora não seja nosso objetivo traçar um perfil dessas profissionais, fazem-se necessários alguns esclarecimentos a este respeito. Os educandos estão numa faixa etária entre trinta e seis e quarenta e oito anos de idade, estão atuando na EJA há mais de três anos, são experientes na profissão docente. Porém e apesar disto, alegaram não terem participado de nenhuma formação específica para atuarem na EJA.

Quando perguntadas se acreditavam ser necessário formação específica para este fim, foram unânimes em dizer que sim. Poucas souberam dizer com exatidão o que vinha a ser a EJA.

No que tange aos métodos de ensino, o discurso apresentou variações, pois embora alegassem que seria uma metodologia diferente das realizadas para o ensino de crianças, em algumas falas notamos que não utilizam uma metodologia adequada para o aluno adulto, repetindo práticas que são comuns no ensino regular. Isto registrou um distanciamento entre o discurso e a prática.

Outro dado relevante que merece ser comentado refere-se ao currículo específico para a EJA. Nas escolas de Guarabira, as educadoras afirmaram haver um currículo, mas que era organizado por elas mesmas, com pouca ou nenhuma orientação de coordenadores da Secretária de Educação. Já no município de Alagoa Grande, falaram que não existe um currículo específico para a EJA na escola. A educadora, Patrícia argumenta que:

O ideal seria que a escola adotasse um currículo específico, considerando a diversidade do seu público, e que fosse possível utilizar práticas dos seus interesses, identidades, necessidades e habilidades, e que eles pudessem adotar metodologias diferentes para que esse público fosse atraído e motivado (Patrícia, educadora).

Ao que se percebe, se a escola não adota um currículo específico, segue-se o currículo adotado por toda a escola, desconsiderando o aluno adulto em suas necessidades educativas diferentes das da criança, e com isso a escola abre espaço para o abandono da sala de aula pelo aluno.

E, por fim, questionadas sobre as principais dificuldades que enfrentam para atuarem nessa modalidade de ensino, não hesitaram em dizer: “Evasão, falta de material específico. Gostaria de um tipo de cartilha que me auxiliasse no processo de alfabetização, um caderno de caligrafia” (Lúcia).

O depoimento de outra educadora aponta como um dos principais desafios para a Educação de pessoas jovens e adultas a ausência de um aporte didático-pedagógico para subsidiar o trabalho de sala de aula. A disponibilidade de materiais elaborados especificamente para esta modalidade é ainda muito incipiente e com exceção do “livro didático” específico, o educador/a que atua nesta área tem sempre dificuldade em encontrar materiais adequados.

Além disso, “o cansaço deles pelos seus trabalhos, que terminam os impedindo de continuar” (Neide, educadora).

A fala da educadora Neide, não traz nada de novo para quem atua na EJA, mas restringir a questão a este aspecto, além de representar certa acomodação é limitar o debate e colocar o aluno como o maior vilão da história. Todavia, acreditamos que, alunos motivados, vencem o cansaço e querem continuar seus estudos. Porém, há outros desafios maiores do que o cansaço diário. Por exemplo, mudanças de atitudes por parte de toda equipe pedagógica da escola pensando no aluno com responsabilidade, os fará perceber o quanto ele é importante naquele lugar e o quanto tudo isso é bom para ele.

Outra educadora ressalta também a falta de motivação como uma dificuldade para a permanência dos alunos da EJA. Vejamos:

As minhas maiores dificuldades são a falta dos valores familiares, alunos sem motivação por estarem ainda nas séries iniciais do EJA. Foram colocados à noite por estarem ainda nas séries iniciais sem nenhum aproveitamento da leitura e da escrita, com problemas familiares e psicológicos (KEYLA, Educadora).

Esta educadora atua na EJA já há três anos e, se notarmos no princípio de sua fala, a mesma não reconhece o seu aluno como um adulto que já é chefe de família, não é mais um adolescente para o qual se ensina certos valores. Ao que se percebe, ela os encara com a mesma percepção do público adolescente e isso é um equívoco na modalidade. Não compreendeu, ainda, que com esse educando o que ela pode fazer é resgatar seus valores de uma forma que os faça se sentirem cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres. Se não assim o fizer, eles também sentirão que estão no lugar errado e na hora errada.

O educador sem consciência das reais necessidades do seu educando, possa ser que não valha a pena nem para o educador e muito menos para o educando, que pode ser o primeiro a detectar a falta de sentido no que lhe estão tentando transmitir.

Portanto não devemos cair no equívoco da infantilização do adulto, muitas vezes concebido como um “atrasado”. Para Pinto, esta visão situa-se numa concepção ingênua do processo de educação. Esta percepção:

Considera o adulto analfabeto como uma criança que cessou de desenvolver-se culturalmente. Por isso, procura aplicar-lhes os mesmos métodos de ensino (...). Supõe que a educação (alfabetização de adultos) consiste na ‘retomada do crescimento’ mental de um ser humano que, culturalmente, estacionou na fase infantil. O adulto é considerado, assim, um ‘atrasado’ (PINTO, 1987, p. 87).

Esta concepção para este autor é “falsa, ingênua e inadequada”, uma vez que não reconhece o adulto como membro que vive e participa da vida na sociedade e que desenvolveu saberes, não domina a tecnologia da leitura e escrita, mas quando busca alfabetizar-se traz consigo saberes inexistentes na criança.

Todavia, ao analisarmos as entrevistas constatamos o quanto a escola, considerando o conjunto de todos aqueles que a formam, está longe de atender às necessidades básicas de aprendizagem⁸ dos alunos. Isto pode ser observado através da inexistência de organização de um currículo, que seja capaz de oferecer um ensino inclusivo, acolhedor e que atenda às expectativas do educando da EJA. Para os sujeitos jovens, adultos e idosos não basta, simplesmente, ofertar salas de aula e colocar aquele professor que já está próximo de se aposentar para dar aulas. Em algumas escolas, o que parece é que, tais educandos nem fazem parte do corpo discente da instituição são turmas a parte, aparentemente, pois as ações pedagógicas desenvolvidas em muitas estão voltadas unicamente para as turmas regulares de ensino.

O resultado disto é o aluno desmotivado, uma escola não acolhedora e, na maioria das vezes, salas vazias, pois não encontram a alegria que os levaram a voltar à escola e terminam por desistirem, antes da conclusão da etapa em que estão matriculados.

O educando da EJA é muito fácil de ser desmotivado, qualquer desafio que ele acredite não saber enfrentar remete a desistência como uma solução imediata. Contudo, um educador atento a alguns detalhes, como a metodologia de ensino, por exemplo, evita alguns equívocos que geram problemas. Por isso acreditamos que a alfabetização de adultos, dizemos alfabetização, pois foi onde percebemos maiores incidências de “evasões”, requer formação específica para que não caiamos no erro de reduzir o adulto à criança, ignorarmos os seus saberes e aproveitá-los para que se sintam motivados a continuarem no seu processo de escolarização e, só assim, vencer os desafios que os afastam da escola.

⁸ As necessidades Básicas de Aprendizagem (Neba's) foram definidas a partir da Conferência de Jontien, como “aqueles conhecimentos teóricos e práticos, destrezas, valores e atitudes que, em cada caso, e em cada circunstância e momento concreto, resultam indispensáveis para que as pessoas possam encarar suas necessidades nas seguintes frentes: a) sobrevivência; o desenvolvimento pleno de suas capacidades; desfrutar de uma vida e de um trabalho dignos; a participação plena no desenvolvimento; a tomada de decisões informadas e a possibilidade de continuar aprendendo” (TORRES, 1999, p. 11 apud SOARES, 2001, p. 211).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jovem, o adulto ou idoso, em qualquer fase da sua vida, quando retornam a escola, têm muitas esperanças. Muitos deles não estão mais comprometidos com o mundo do trabalho e agora querem aprender para se sentirem melhor, realizar sonhos, vencer desafios e, como muitos afirmaram, “sentirem-se mais gente”.

Como vimos não se trata de uma discussão nova, pois há muito tempo a escola oferece o ensino para essas pessoas, entende que elas têm sonhos, desejam ingressar de forma mais qualificada no mundo do trabalho e necessitam disso, dessa formação, que é um direito. Mas esquece de preparar o terreno para cultivar nessas pessoas a vontade de continuar.

Ao analisarmos os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD de 2013) vimos que salas de aula de EJA estão sendo fechadas a cada ano em que a pesquisa é realizada. As autoridades chamam a demanda de alunos que abandonam a sala de aula de “evasão” e percebem que há um desafio enorme a ser enfrentado para manter esses alunos no processo educativo.

Assim, não basta oferta de salas de aula ou oferecer a oportunidade de o aluno regressar; devem-se criar condições de atenção que proporcione o envolvimento dos mesmos quando retornarem aos espaços escolares. É preciso estreitar as relações, pensar estrategicamente no currículo, na formação do educador e, acima de tudo, entender que o aluno da EJA não precisa, necessariamente, de se adequar à escola e, sim, a escola deve estar apta a atender às necessidades da realidade de vida desses educandos.

Estas questões colocam em evidência as causas que levam alunos e alunas a retornarem seus estudos e não conseguirem dar continuidade. Entendemos que tanto o Sistema Educativo, a escola com seus agentes e até mesmo os próprios educandos estão envolvidos, diretamente, nos resultados desse fenômeno.

A falta de investimentos financeiros, o incentivo pedagógico, a desvalorização da modalidade por parte dos educadores, também são fatores contribuintes para os insucessos na caminhada desses sujeitos. As escolas, salvo algumas exceções, ao que percebemos, apenas cedem espaço para alunos oportunizando possibilidade de voltarem a estudar ou ingressarem na escola os que nunca estudaram. Todavia não há uma inclusão desses alunos (as) no funcionamento geral da instituição, pois as séries noturnas que são da modalidade EJA são excluídas da maioria das atividades realizadas pela/na em relação às outras séries ditas “regulares” (fato observado durante os estágios supervisionados, vivenciado no Curso de Pedagogia).

A pesquisa de campo, que nos serviu de suporte para realizarmos esse estudo, só veio a acrescentar, pois como pesquisadora da modalidade EJA, e através dos estudos na área de aprofundamento tivemos oportunidade de realizar visitas constantes a algumas escolas do município de Guarabira, seja por conta dos estágios ou de outros estudos. Por isso foi possível tecer olhares sobre como se encontra a educação na EJA, em Guarabira.

Através do diálogo com os educadores, concluímos que há pouco investimento para com a modalidade, isto representa um dos fatores que favorece o fechamento de turmas nas escolas.

Além disso, ao investigar se o perfil do aluno da EJA tem relação com abandono dos estudos, vimos que, o que faz com que o aluno abandone seu processo educativo, munido de sonhos, expectativas e objetivos, é algo muito maior que o cansaço ou a falta de interesse, como muitos pensam.

Uma série de fatores que envolvem o próprio aluno com suas dificuldades; o sistema educativo; a escola e quem a compõe, além da prática do professor também aparecer como algo a ser observado no que tange ao abandono de sala de aula.

Diante da complexidade do tema da “evasão escolar”, trouxemos a posição de alguns autores que entendem que na EJA a “evasão” não ocorre porque os alunos fracassam, pois o “fracasso escolar” não existe, o que existe são indivíduos expostos a condições de fracasso. Outros acreditam, ainda, que o “fracasso” não deve ser atribuído apenas aos indivíduos, mas à escola e a um sistema social, econômico e político.

Apesar de discutirmos “o fracasso escolar”, na perspectiva desses autores, não podemos associar abandono a fracasso escolar. Estas buscas precisam alimentar estudos futuros, mais aprofundados.

Todavia, é importante considerar que o nosso país reconheceu tardiamente a necessidade de alfabetização dos jovens, adultos e idosos, vindo fazê-lo apenas por volta do século XX, à efetivação deste direito vem avançando com o passar dos anos. Contudo, a oportunidade dada aos adultos analfabetos era feita sem grandes planejamentos. A ideia da alfabetização de adultos de cunho assistencialista durou muito tempo e alimentou a compreensão da EJA apenas como alfabetização, apesar das conquistas desta modalidade.

No passado, quando os intelectuais pensavam na educação para os analfabetos marginalizados pelo Brasil afora, as primeiras dificuldades eram: falta de escolas, profissionais qualificados, investimentos, leis e diretrizes voltadas para essa nova forma de educação que surgia, dentre outros. Podemos dizer que avançamos, mas permanece a dificuldade em manter na educação o aluno que procura estudar. As estatísticas evidenciam

que nos programas como Brasil Alfabetizado, o abandono da sala de aula é exorbitante. E também as escolas, nas esferas municipais e estaduais, também apresentam altos índices de “evasão”.

Questionamos o porquê desse problema, se temos uma Lei (LDB nº 9.394/96) que assegura a EJA como uma modalidade educativa com suas especificidades por considerar as necessidades de quem a ela é direcionada. Temos também uma Resolução que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, conforme citado,. Além disso, há um segmento organizado formado por profissionais estudiosos, intelectuais e pesquisadores que discutem nos fóruns, nas academias e espaços afins, a situação da EJA em nosso país com seriedade e compromisso. Então era para as escolas e espaços que ofertam educação para os jovens e adultos estarem cada vez mais sólidos e presentes na vida dessas pessoas.

O fechamento de turmas e mais turmas em nosso país a cada ano denuncia que algo não vem dando certo. Os dados da PNAD (2013) comprovam o que dizemos.

Por que isso ocorre? Em nossa análise evidenciamos que as instâncias políticas não estão dando a atenção que a Educação de Jovens e Adultos necessita, permanecendo uma dívida bastante antiga com grande parte da população. E essa falta de investimentos gera a nítida impressão de abandono: são doze milhões de brasileiros que vivem excluídos pela sua condição de analfabeto, a eles é necessária a garantia de acesso, qualidade e continuidade. O adulto não é mais a criança que não sabe o que quer, nem o que necessita, ao contrário, ele valoriza a educação porque sabe a importância que ela tem na vida das pessoas, mas para isso essa forma de educação que lhes é oferecida, tem que fazer sentido para todos.

Identificamos, na ótica dos alunos investigados, as possíveis causas que os levam à desistência: a falta empenho das escolas, a falta empenho dos educadores, a inexistência de uma formação dos profissionais da escola para atuar na EJA, falta de um ambiente efetivamente escolar, voltado para esta modalidade educativa. É evidente que a escola que recebe educandos jovens, adultos e idosos das classes populares não se preparou para garantir o ingresso e a permanência desses sujeitos.

Outro elemento a ser considerado é o perfil socioeconômico dos alunos. O presente estudo não aprofundou suficientemente este aspecto, mas é um elemento a ser refletido, uma vez que a situação de trabalho, quase sempre cansativo e instável, interfere diretamente na possibilidade desses sujeitos continuarem seus estudos.

É preciso reconhecer que a Educação de Jovens e Adultos é uma oportunidade de tirar milhões de brasileiros da situação de marginalização em que vivem. Mas, é preciso também

comprometimento das instituições, dos profissionais que atuam na área e também de todos os que pensam a educação do nosso país, incluindo a EJA.

7 REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdo. A escola da EJA ou a casa do estudo. In: VALDO, Barcelos *Formação de professores para educação de jovens e adultos*. 2. ed. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2007. pp. 42-62

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: nº 9394/96. Brasília: 1996.

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1990.

CHARLOT, Bernard. *Da Relação com saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. (Org.) *Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. 2. Pressupostos da Pesquisa qualitativa. In:_____. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005. pp. 78-79.

DINIZ, Adriana Valéria Santos; SCOCUGLIA, Afonso Celso; PRESTES, Emília Trindade. (ORGS.) *A aprendizagem ao longo da vida e a Educação de Jovens e Adultos: possibilidades e contribuições ao debate*. João Pessoa: UFPB, 2010.

FERNANDES, Dorival Gonçalves. *Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios*. Porto Alegre: Medição, 2002.

FURTADO, Quézia Vila Flor. *Jovens na Educação de Jovens e Adultos: produção do fracasso de escolarização*. João Pessoa: UFPB, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo: Cortez, 2007.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1987.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. São Paulo: Autores Associados / Cortez, 1987.

RIBEIRO, Vera Masagão. A promoção do alfabetismo em programa de educação de adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.) *Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Ação Educativa, 2001.

SOARES, Leônicio José Gomes. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.) *Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Ação Educativa, 2001.

UNESCO. *Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da Prática*. Brasília: Unesco, 2008.

UNESCO. VI CONFINTEA. *Marco de Ação de Belém*. Brasília: UNESCO, 2010.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

BRASIL. Resolução CNE nº 1, de 05 de Julho de 2000. *Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000pdf>> Acesso em: 26 de out. 2013.

IBGE. Censo 2010: *taxa de analfabetismo no país*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/11/censo-2010-cai-taxa-de-analfabetismo-no-pais.html>. Acesso em: 06 de nov. 2013.

PNAD. Educação de jovens e adultos. In: *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2012*. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/busca/?busca+anuário&buscar>. Acesso em: 25 de Ago. 2013.

PNAD. ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2013. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1479/anuario-brasileiro-da-educacao-basica-2013/>> Acesso em: 20 jan. 2014.

UNESCO. Conferência Internacional de Educação de Adultos-CONFINTEA. Contextualização dos confintea's anteriores a confintea VI. Disponível em: [WWW.Forumeja.org.br/portal dos fóruns de educação de jovens e adultos do Brasil](http://www.forumeja.org.br/portal/dos_foruns_de_educacao_de_jovens_e_adultos_do_brasil). Acesso em 19 de Nov. 2013.

FONTES ORAIS⁹

- 1) ANA, aluna. Entrevista realizada em 13 de Junho de 2013. Guarabira-PB.
- 2) ALDA, aluna. Entrevista realizada em 13 de Junho de 2013. Guarabira-PB.
- 3) APARECIDA, aluna. Entrevista realizada em 15 de junho de 2013. Alagoa Grande-PB.

⁹ Os nomes adotados para identificação dos entrevistados são fictícios para preservar sua identidade.

- 4) DILMA, aluna. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 5) JOANA,aluna. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 6) JOSÉ, aluno. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 7) KEYLA, educadora. Entrevista realizada em 03 de julho de 2013. Alagoa Grande-PB.

- 8) LÚCIA, educadora. Entrevista realizada em 27 de Junho de 2013. Guarabira-PB.
- 9) MARGARIDA, aluna. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 10) MÁRIO, aluno. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 11) NEIDE, educadora. Entrevista realizada em 27 de Junho de 2013. Guarabira-PB.
- 12) PATRÍCIA, educadora. Entrevista realizada em 03 de Julho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 13) PAULA, aluna. Entrevista realizada em 27 de Junho de 2013. Guarabira-PB.
- 14) PEDRO, aluno. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 15) SANDRO, aluno. Entrevista realizada em 27 de Junho de 2013. Guarabira-PB.
- 16) SELMA, aluna. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.
- 17) TEREZA, aluna. Entrevista realizada em 15 de Junho de 2013. Alagoa Grande-PB.